



Rui Alexandre Dias Sena



Objectivos da investigação

Esta investigação tem por objectivos: verificar como o nacionalismo se expressava na imprensa periódica nacional antes e durante a Guerra Colonial, como essa mesma imprensa noticiava o decorrer da Guerra Colonial e averiguar como se relacionava o nacionalismo com a própria guerra quando noticiada pela imprensa.

O espaço temporal da investigação limitou-se pelos meses de Janeiro a Julho de 1961. A justificação para esta escolha foi a seguinte: Janeiro e Fevereiro são os meses antecedentes dos acontecimentos de 15 de Março que marcam, simbolicamente, o começo da Guerra Colonial e são meses bastante ricos em acontecimentos que colocam Portugal na cena internacional, como foi o caso do paquete "Santa Maria". A escolha do mês de Julho como baliza temporal final recaiu no facto de ter sido nesse preciso mês que se lançou a "Operação Viriato" com vista à tomada de Nambuangongo, que se encontrava sob domínio dos guerrilheiros desde o início da sublevação em Angola.

O nacionalismo na imprensa nacional

Neste ponto destaca-se uma selecção de notícias que apresentam manifestações nacionalistas ou indícios delas. Para o efeito faremos esse destaque de mês a mês. No mês de Janeiro destaca-se uma clara mensagem católica onde se manifesta a missão civilizadora de Portugal, como legitimação da presença portuguesa em África: "Portugal é consciente da sua missão civilizadora" – diz o Episcopado português. Os Bispos da Metrópole, atentos às responsabilidades do seu múnus pastoral, recordam aos fiéis que lhes estão confiados os evidentes desígnios de Deus sobre a Pátria Portuguesa. A linha providencial da nossa História tornou-nos, desde há muitos séculos, instrumento do Senhor na Evangelização de parte considerável do Mundo, na América, em África, na Ásia e até na Oceânia. E a Igreja tem confirmado sempre essa missão.¹ Este mês é bastante característico em destacar a soberania portuguesa sobre os seus territórios em África. "Novos protestos contra os



ataques à soberania portuguesa. Este protesto subscrito por numerosos empregados e operários do Porto que frequentaram os cursos do Instituto de Formação Social e Corporativa, foi recebido no gabinete do Ministro das Corporações e Previdência Social a seguinte mensagem: “Continuam na O.N.U. os ataques à soberania portuguesa e integridade nacionais. A origem desses ataques venham do Gana, Polónia, Ucrânia ou Nigéria, é como todos sabemos do comunismo internacional, que não pode perdoar-nos a derrota sofrida na Península Ibérica, e, principalmente, que sejamos possuidores de uma doutrina que na sua totalidade destrói completamente a doutrina marxista, por muito mais justa, e mais humana e essencialmente cristã. Enquanto nós defendemos o trabalhador e procuramos dar-lhe o salário justo para o trabalho feito, temos a liberdade de escolha da profissão e do local do trabalho que mais nos convier, temos a liberdade da escolha e da religião.”²²

A partir do dia 24 de Janeiro, os jornais são unâimes em destacar o desenrolar dos acontecimentos no paquete Santa Maria. Ambos relatam o acontecimento de forma praticamente igual, sem grandes alterações. Apenas se pode destacar uma frase noticiada no *Diário dos Açores*, de forte cariz nacionalista: “Na luta ficou morto o 3.º piloto, João José do Nascimento Costa, a cuja heroicidade o Governo português já hoje prestou homenagem no comunicado distribuído de madrugada.”

O *Angola Norte* publica uma síntese do acontecimento do caso paquete Santa Maria:

“Numa atitude que tem tanto de perversa como de criminosa, um grupo de piratas comandados pelo ex-Capitão Henrique Galvão assaltaram o paquete Santa Maria em pleno mar das Caraíbas (...) esta atitude pode-se classificar como de alta traição à pátria pois que ultrapassou tudo que por dissidências políticas seria de esperar (...) impõe-se que todos os portugueses, de todas as raças e de todos os credos, avaliem o grau de dignidade daqueles que, à frente de uma chamada oposição, se propunham comandar o destino da pátria.”²³

Os acontecimentos de 8 de Fevereiro faziam adivinar as sublevações que ocorreriam em Angola: “Actos de admirável heroísmo de soldados angolanos e da metrópole assinalaram a resistência oposta em Luanda aos que assaltaram a casa da reclusão.” Outra manchete: “Honrado a memória dos que acabam de perecer em Angola ao serviço da Pátria cerraram fileiras em torno do ideal: Pátria una e imperecível.”⁴

O caso do paquete Santa Maria continuava a ocupar, em larga medida, os jornais portugueses e os internacionais. Todavia, constata-se que os jornais davam destaque ao discurso da Igreja que relembra ao povo português o seu destino especial para civilizar o mundo, mesmo que para isso seja necessário estar sozinho. O protesto dos empregados e operários, na notícia acima citada, demonstra também a importância que a imprensa dava a manifestações de apoio ao governo português contra o comunismo e contra as intromissões estrangeiras em assuntos de soberania portuguesa.

Os jornais são unâimes em destacar o desenrolar dos acontecimentos no paquete Santa Maria.



O mês de Fevereiro continua a noticiar o caso do Santa Maria: “Soou a hora da coesão nacional. Na época apocalíptica que vivemos não nos salvaremos uns tantos, mas todos ou nenhuns. E estar alerta não quer dizer: temer, recear, ou sentir vacilar, de algum modo, a confiança no futuro das nossas Províncias Ultramarinas, que outro não é senão o da Pátria. (...) os portugueses, de todas as latitudes geográficas, nesta hora, suprema para a integridade do nosso património Ultramarino, saíram manter-se firmes, com a noção exacta das responsabilidades que cabem a cada um, a noção exacta da extensão dos sacrifícios e dos esforços que podem ser necessários. (...) Medo, não! Pois como ainda recentemente foi afirmado nas colunas dos principais diários portugueses: quem não deve não teme! Nada devemos, pois tudo temos feito para manter sempre acesa a chama que vem sendo através de muitas gerações, o farol da nossa cristianização e da nossa própria civilização. (...) As horas apocalípticas que vive o mundo, tentam dramatizar alguns aspectos da nossa política ultramarina (...) soou a hora da coesão Nacional, uma hora que deve merecer de todos nós o maior esforço, a maior tenacidade e o sacrifício que todos nós estamos dispostos a suportar.”⁵ Este discurso, anuncia a guerra que viria a surgir oficialmente em Março.

Analizando o discurso de Salazar, fica claro o alerta dos perigos estrangeiros e dos constantes ataques que o império português sofria. Era uma forma de preparar a população portuguesa para os grandes sacrifícios que inevitavelmente teriam de ser feitos.

Com a resolução do caso Santa Maria surge a apoteose nacional: “Temos o Santa Maria connosco. Obrigado, portugueses! – assim falou Salazar no regresso do paquete ao Tejo a muitos milhares de pessoas que em calorosa e emotiva manifestação ergueram perante o Mundo. O clamor dum povo que sabe o que quer e para onde vai.”⁶

No mesmo mês constatamos a manifestação entusiástica da população quando chega o paquete Santa Maria a Portugal: “Foi uma manifestação do mais alto patriotismo aquela que o povo português prestou, em Lisboa, aos tripulantes do Santa Maria, (...) manifestação do mais alto significado patriótico porque, tendo estado presente o Senhor Presidente do Conselho, a grandiosa manifestação que lhe foi prestada pelo povo, foi a demonstração clara e inolvidável, de quanto os portugueses confiam nas mãos seguras que dirigem o leme da Nação.”⁷ Os acontecimentos do paquete Santa Maria terminavam. Neste mês as notícias de valorização do governo de Lisboa e do regime político vigente, sendo o seu carácter puramente nacionalista.



Fonte: wikimedia commons

Analisando o discurso de Salazar, fica claro o alerta dos perigos estrangeiros e dos constantes ataques que o império português sofria.

Em Março as notícias nacionalistas continuam: “Obrigado Salazar. Agradecimento sobre a acção do Presidente do Conselho português para demolir os velhos muros da cidadela política partidária, que desgraçava a nação, e sobre os seus escombros construiu uma nova mentalidade nacional que conduziu, por fim, o povo português à privilegiada posição que hoje ocupa no mundo actual.”⁸ O mesmo jornal deu ênfase a uma notícia de apoio a Portugal, desta vez escrita pelo Prof. Rogers, da Universidade de Harvard que, de forma sintética, procurou mencionar que o estatuto de Angola perante Portugal era idêntico ao dos vários Estados Norteamericanos entre si.⁹ Ao longo da investigação, constatou-se a clara necessidade de autenticação do regime procurando que a imprensa recolhesse

Manifestação em Lisboa.



Fonte: Manuel Graca

citações de conceituadas figuras como forma de legitimação política.

A manifestação em Lisboa contra os países que estavam contra a política ultramarina portuguesa em África foi noticiada da seguinte maneira: “Foi num arrebatamento irresistível de fé patriótica que a população de Lisboa manifestou ontem de forma a não deixar dúvidas toda a sua indignação pelos ataques que em certos areópagos internacionais que nos têm sido dirigidos. (...) Homens, mulheres e crianças de todas idades e categorias sociais; (...) não quiseram faltar à mais expressiva afirmação de crença na eternidade de Portugal.”¹⁰

Foi neste mês que a primeira notícia de carácter nacionalista e militar surgiu: “Bênçãos da Pátria. Tudo quanto a História nos legou, vós – militares de Portugal – o guardais e defendeis bravamente. É assim em tudo: na campa do soldado desconhecido e nas fronteiras de Diu, Damão e Goa. (...) Angola, expulsais os invasores estrangeiros (...) Soldados de Portugal! A Pátria vos contempla e vos abençoa!”¹¹

O mês pode resumir-se aos agradecimentos a Salazar, à homenagem aos heróis portugueses que tombam a defender a pátria e aos que estão vivos a combater. É um mês de clara exaltação nacional e que começa a assistir à queda e ao fim do Império com Diu, Damão, Goa e Angola sendo os primeiros alvos desse desmoronamento.

O mês de Abril não escapa à onda nacionalista de exaltação do “império histórico”: “Mortos ou vivos, ficaremos aqui. Como rocha, firme e impene-trável assim nós, portugueses firmes e impene-tráveis, defrontaremos todas as fúrias e todas as tempestades, vigilantes no nosso posto (...) somos uma força imensa que nada poderá deter, uma força de tenacidade de vontade de querer (...) sob uma só bandeira, verde-rubra, sangue e esperança, a bandeira de uma Pátria que continua a confiar nos seus filhos (...).”¹² Segue, na mesma linha de orientação: “Sangue, suor e lágrimas. A hora presente é nossa. Uma hora de amargas realidades, mas de que evidência, uma vez mais, o brio tão indiscutível dos portugueses (...) a Pátria necessita de todos nós, como um só homem, reunidos numa só força de vontade, de querer vencer.”¹³

A imprensa procurou destacar acções efectuadas pelos “frutos” do Império português, como forma de legitimar essa mesma presença e a boa convivência racial em África: “Dois jovens mestiços arrebataram a bandeira nacional aos terroristas que pretendiam levá-la durante o assalto à vila de Damba.”¹⁴

Em Maio deve-se destacar uma notícia de evidente exaltação nacional, mas recorrendo ao passado. É o eterno retorno do providencialismo português que a ideologia do Estado Novo sempre tentou disseminar. Compara-se de forma entusiástica Mucaba a Aljubarrota, de forma a exaltar o nacionalismo e patriotismo português. Enquanto que em Aljubarrota os portugueses estavam em inferioridade numérica de um para dez, em Mucaba essa inferioridade era de um para seiscentos.¹⁵ Através desta afirmação comprehende-se a hipérbole nacionalista que se vivia em Portugal. Todavia o mesmo jornal ainda escreve: “O direito de defender Portugal. Estava escrito que seria este ano em que os portugueses fariam ressurgir das páginas gloriosas da História Pátria, os feitos do passado. (...) Defender Angola é defender Portugal!”¹⁶

O mês de Junho a imprensa continuava em busca de legitimação internacional para a política ultramarina portuguesa: “É perfeita a unidade do povo português em relação aos seus territórios do





Chegada do Batalhão 96 a Nambuangongo em 9 de Agosto de 1961.

Fonte: Edição Correio da Manhã



ultramar – sublinha o jornal belga *La Côte Libre*, toda a notícia é de apoio à política do governo de Lisboa e de exemplo a seguir pelo mundo ocidental.”¹⁷

Por fim, no mês de Julho deve-se destacar: “Os bravos defensores de Santa Cruz de Macocola receberam em triunfo um contingente que libertou a vida do assédio dos terroristas.”¹⁸ A restante notícia exalta tremendamente os milicianos, usando para os descrever as expressões “heróis nacionais” e “os bravos”. De salientar que estas expressões são constantes nas diversas notícias de exaltação nacional, mas, no mês de Junho, foram mais constantes. Veja-se o último exemplo: “Salazar recebeu o “Herói de Mucaba”. Em S. João do Estoril (...) o Presidente do Conselho, recebeu o funcionário do Quadro Administrativo, Hermínio de Carvalho Sena, mais conhecido pelo “herói de Mucaba” devido actividade que ali desenvolveu (...).”¹⁹

Através desta investigação podemos verificar a evolução das notícias de cariz nacionalista que surgem entre de Janeiro a Julho e tentar perceber se houve alterações no peso que o nacionalismo ocupava nos diversos periódicos analisados. Sendo assim, compreendemos que as notícias de carácter nacionalista são uma constante ao longo dos meses analisados mas, ao nível de quantidade vão diminuindo. Podemos dividir os meses da seguinte maneira: Janeiro e Fevereiro são meses de fortes manifestações nacionalistas impulsionadas pelo caso “Santa Maria”; Março e Abril são meses que possuem ainda uma forte carga nacionalista na

imprensa, mas começa-se a notar uma quebra, mesmo que ténue; Maio, Junho e Julho nota-se uma quebra acentuada ao nível da quantidade de notícias exclusivamente de teor nacionalista. Todavia, no mês de Julho, sente-se um reviver da exaltação nacionalista com o início da “Operação Viriato” com vista à tomada de Nambuangongo.

A Guerra Colonial na imprensa nacional

A primeira notícia que dá maior ênfase à gravidade da situação em Angola é de 25 de Março, no jornal *Angola Norte*: “Esta cidade foi novamente alvo de inquietações no decurso desta semana. Acontecimentos de alta gravidade ocorridos em algumas localidades do Congo Português, e na região dos Dembos, vieram confirmar que avisos prudentes se baseavam em boas informações a respeito de certas tramas “manipuladas” lá fora. (...) Todos sabem que a conspiração internacional de que somos alvo é suficientemente para suscitar actos de terrorismo. Um desses surtos eclodiu, a fim de corroborar os ataques contra Portugal no estrangeiro e na O.N.U. De facto o que se passou foram actos de terrorismo (...) Os acontecimentos desta vez revestiram-se de maior gravidade pelo número de vítimas e pela forma como foram perpetrados. (...) Apuraram-se casos de selvajaria e de sadismo. (...) A povoação de Nambuangongo, a 181 quilómetros de Luanda, onde habitam

europeus houve acontecimentos sangrentos. Houve muitos mortos.”²⁰ Esta notícia trata do conflito, mas com forte carga nacionalista. Aliás, é difícil por vezes separar Guerra Colonial de nacionalismo. Enquanto que no capítulo “O Nacionalismo na imprensa nacional” se seleccionaram apenas notícias de carácter nacionalista e que não mencionassem claramente o desenrolar do conflito em Angola, neste será praticamente impossível fazer essa separação.

Durante o mês de Março notam-se pequenas notícias em toda a imprensa analisada sobre acções violentas contra os portugueses. Por outro lado, temos manifestações de patriotismo relacionadas com essas mesmas notícias e promessas por parte dos colonos europeus de não abandonar Angola e de fazer caça aos guerrilheiros.

A imprensa, no mês de Abril, mais precisamente *O Século* e o *Diário dos Açores*, destacam as “operações de limpeza” efectuadas pela tropa portuguesa e que estas operações decorriam com normalidade. Raramente a imprensa faz referência a soldados portugueses que pereceram em combate. Todavia há este excelente exemplo: “Foram assassinados nove militares, entre os quais dois oficiais e um sargento (...) entre o Quitexe e o rio Tange.”²¹

As notícias relativamente à situação vivida em Angola foram amplamente difundidas durante o mês de Abril: “Conseguiram chegar ao Bembe dois sobreviventes do massacre de Lucunga: Hernâni Matos e António Joaquim Correia, depois de penosa marcha através de florestas infestadas de terroristas e de feras. Declararam que outros fugitivos (...) foram descobertos e assassinados.”²² Outra notícia, ainda do mesmo jornal: “Chefe do posto, Manuel Coutinho foi barbaramente assassinado na secretaria, assim como mais quatro europeus e um mestiço.”²³

Nesse mês, a imprensa nacional projectou com destaque os

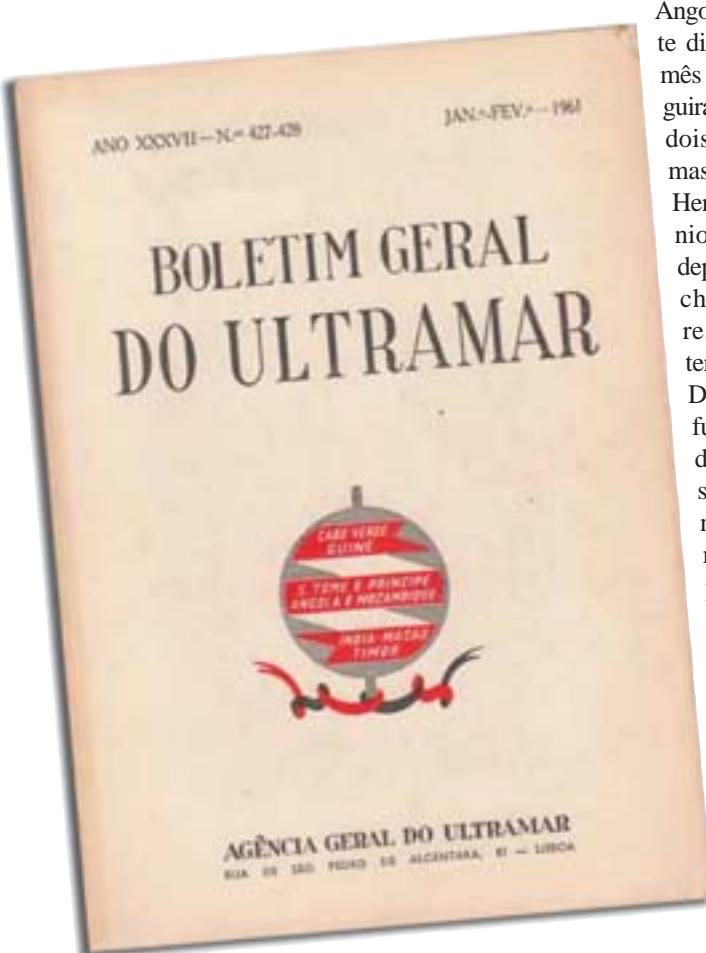
“massacres”. Sendo importante focar que o termo “massacre”, na nossa opinião, é utilizado pela imprensa portuguesa sempre que se mata um mínimo de quatro indivíduos. Isto porque a imprensa não refere “massacre” apenas quando um indivíduo é assassinado com requintes de malvadez, pois nesse caso emprega o termo “barbaridade” ou “selvaticamente”. A utilização do termo “massacre” teria como objectivo impressionar e fazer pesar os acontecimentos perante o leitor, procurando criar uma opinião pública que na verdade não existia durante o Estado Novo.

O mês de Maio não se mostrou fértil para notícias sobre a Guerra Colonial, tendo sido bastante omissa. Podemos apenas destacar uma notícia no *Diário Popular*: “Os terroristas estão a destruir as pontes da região de Carmona procurando apertar o cerco àquela cidade. A actividade dos bandos de terroristas se tem acentuado nos últimos dias, revelando a intenção de aumentar o terror entre os trabalhadores bailundos que ainda se encontram a trabalhar nalgumas fazendas da região.”²⁴

O *Boletim Geral do Ultramar*, de Maio, traz algumas informações interessantes, pois retrata diariamente as investidas dos guerrilheiros contra as povoações ou patrulhas militares. Os resultados desses confrontos acabam sempre com vantagem para as povoações ou para as patrulhas, estas sempre com poucas baixas ou apenas ferimentos ligeiros. Por seu turno, os guerrilheiros acabam sempre por fugir e com pesadas baixas.²⁵

O mês de Junho não contém notícias significativas sobre a Guerra Colonial. Apenas o *Boletim Geral do Ultramar* traz algo de útil: “Dia 1 de Junho – Um grupo de terroristas assaltou fazendas na região do Songo, tendo actuado com os maiores requintes de selvajaria. Lançaram-se como feras sobre os trabalhadores bailundos (...) outros trabalhadores, que haviam ficado dispersos pelas fazendas, ao notarem os primeiros indícios dos ataques fugiram para Songo em busca de protecção mas, durante o trajecto foram assaltados por um outro bando de terroristas que também os massacrou, não os poupando à sua fúria assassina. As forças militares, avisadas dos ataques, avançaram imediatamente para aquelas fazendas, iniciando a perseguição aos terroristas, que sofreram um severo castigo. Crianças de peito, homens e mulheres estavam despedaçados pelos terroristas.”²⁶

No mês de Junho intensificaram-se os confrontos entre os guerrilheiros e as tropas portuguesas, mas sempre em confrontos de baixa intensidade. Verificou-se uma quebra de notícias sobre a Guerra Colonial durante os meses de Maio e Junho. Apenas o *Boletim Geral do Ultramar* trouxe informações consideráveis sobre o conflito.



Por fim, temos o mês de Julho, sendo que os diversos meios de imprensa noticiaram a investida portuguesa sobre Nambuangongo e, como consequência, o número de notícias sobre o conflito rebentou. *O Diário Popular* escreve: “Começam-se a travar violentos combates na região de Nambuangongo, estando assim a operação militar portuguesa em pleno progresso.”²⁷ *O Angola Norte* noticia: “As portas da zona de Nambuangongo, que os terroristas consideravam inexpugnável, os nossos soldados penetraram na floresta e durante horas travam lutas renhidas.”²⁸ *O Diário dos Açores*, noticia: “As forças militares tomaram a povoação de Qimbumbe, a 60 quilómetros de Nambuangongo, aperta-se o cerco a Nambuangongo.”²⁹

A evolução das notícias sobre a Guerra Colonial nas diversas fontes analisadas pode ser descrita da seguinte maneira: em Março, com o início do conflito, até ao mês de Abril, pode-se afirmar que houve uma cobertura noticiosa bastante considerável sobre o conflito em Angola ao nível dos “massacres” efectuados pelos rebeldes, enquanto que durante os meses de Maio a Junho se assiste a uma quebra dessa mesma cobertura. No mês de Julho surge um novo pico de informação referente ao conflito devido à realização da Operação Viriato, a que todos os jornais deram grande destaque.

Conclusão

Comparando a evolução das notícias referentes ao nacionalismo e à Guerra Colonial na imprensa, podemos concluir que enquanto o conflito não se iniciou, durante os meses de Janeiro e Fevereiro, a imprensa deu grande destaque às notícias de carácter nacionalista. Com o começo do conflito verifica-se que a imprensa esteve dividida entre as notícias de carácter nacionalista e as notícias sobre o desenrolar dos acontecimentos em Angola, mas denota-se uma clara quebra de notícias exclusivamente de carácter nacionalista. De Maio a Junho há uma quebra nas notícias tanto ao nível do nacionalismo como da Guerra Colonial. A explicação que pode ser avançada para esta situação é que foi neste período que um grande número de contingentes militares partiu de Portugal a caminho de Angola. Teria sido portanto um momento de expectativa para a imprensa, ocupando-se com o desenrolar da política internacional, nomeadamente com as rivalidades entre os EUA e a URSS e destacando quais os Estados soberanos que apoiavam ou criticavam a política portuguesa em África. No último mês em análise, a imprensa retoma as notícias de carácter nacionalista e informa sobre o decorrer da Operação Viriato. É difícil conseguir separar as notícias de carácter puramente nacionalista das notícias que

Foto: ultramar.teravob.biz



Os diversos meios de imprensa noticiaram a investida portuguesa sobre Nambuangongo.

apenas se restringem ao desenrolar da Guerra Colonial. Por vezes temos uma clara simbiose de ambas num só corpo noticioso. Todavia, pode-se afirmar que durante os meses de Março a Junho essa divisão era possível de se efectuar, mas, com o lançamento da Operação Viriato as notícias nacionalistas e militares do mês de Julho fundem-se, convergindo assim para uma apoteose nacionalista de reconquista do espaço ultramarino português em Angola.

Biografia:

Rui Dias Sena Licenciado em História pela Universidade Nova de Lisboa (FSCH). Actualmente, frequenta o 2º ano do Mestrado em História Contemporânea na respectiva instituição. Estando a elaborar no âmbito do Mestrado, uma dissertação sobre as reformas militares em Portugal no Século XX, mais propriamente desde a I República até ao fim do Estado Novo. Dedica os seus interesses de investigação à História Militar, História Contemporânea, História Regional, História Local e Micro-História. Preve-se a publicação em meados de Março de 2010, de uma obra científica sobre o Património Medieval de Lisboa de sua autoria.

Arquivos consultados

Biblioteca Nacional de Portugal
Hemeroteca Municipal de Lisboa

Imprensa periódica consultada (fontes)

Angola Norte
Boletim Geral do Ultramar
Diário dos Açores
Diário da Manhã
Diário Popular
Flama
Jornal de Angola
Jornal de Letras e Artes

Letras e Artes
O Século
O Século Ilustrado
A Província de Angola
Estudos consultados (bibliografia)
AFONSO, Aniceto e GOMES, Carlos de Matos, Guerra Colonial, Lisboa, Editorial Notícias, 2000.
CANN, John P., Contra-insurreição em África: o modo português de fazer a guerra 1961 - 1974, Rana, Atena, 1998.
TEIXEIRA, Rui Azevedo, Angola: 1961-1974, Matinhos, Quidnovi, 2006.
ANTUNES, José Freire, A Guerra de África, Vol. 1-2,

Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.
BARATA, Manuel Themudo e TEIXEIRA, Nuno Severiano (Coord), Nova História Militar, Vols 4 e 5, ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 2004.
GUERRA, João Paulo, Memória da Guerra Colonial, Porto, Afrontamento, 1999.
MELO, João de (org.), Os Anos da Guerra 1961-1974, Lisboa, Círculo de Leitores, 1988.
PINTO, António Costa, O Fim do Império Português, A cena internacional, a Guerra Colonial, e a Descolonização, 1961-1975, Livros Horizonte, Lisboa, 2001. Manhã, 15/01/1961.

- ¹ Diário da Manhã, 15/01/1961.
² Ibidem, 15/01/1961.
³ Angola Norte, 28/01/1961.
⁴ Diário da Manhã, 08/02/1961.
⁵ Angola Norte, 11/02/1961.
⁶ Diário dos Açores, 17/02/1961.
⁷ Angola Norte, 25/02/1961.
⁸ Diário da Manhã, 02/03/1961.
⁹ Ibidem, 02/03/1961.
¹⁰ Diário Popular, 28/03/1961.
¹¹ Ibidem, 31/03/1961.
¹² Angola Norte, 08/04/1961.
¹³ Ibidem, 15/04/1961.
¹⁴ Diário Popular, 18/04/1961.
¹⁵ Angola Norte, 06/05/1961.

- ¹⁶ Ibidem, 13/05/1961.
¹⁷ Diário da Manhã, 03/06/1961.
¹⁸ Diário Popular, 17/07/1961.
¹⁹ Angola Norte, 29/07/1961.
²⁰ Angola Norte, 25/03/1961.
²¹ Diário dos Açores, 06/04/1961.
²² Angola Norte, 22/04/1961.
²³ Angola Norte, 22/04/1961.
²⁴ Diário Popular, 10/05/1961.
²⁵ Boletim Geral do Ultramar, Maio de 1961, pp.98-128.
²⁶ Ibidem, Junho - Julho de 1961, p.124-125.
²⁷ Diário Popular, 16/07/1961.
²⁸ Angola Norte, 22/07/1961.
²⁹ Diário dos Açores, 28/07/1961.

Rohde & Schwarz - na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

Com base em décadas de experiência e uma completa gama de produtos nas áreas de broadcasting, teste e medida, radiocomunicações, radiomonitorização, radiolocalização e segurança IT a Rohde & Schwarz proporciona aos seus clientes um apoio total desde a fase de planeamento do projecto até à entrega de sistemas chave em mão. O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de um serviço e suporte completo e competente representado em mais de 70 países.

www.rohde-schwarz.pt

75 Years of
Driving
Innovation

 ROHDE & SCHWARZ